SAUDAÇÃO PROFERIDA, EM NOME DO INSTITUTO DO CEARÁ, PELO SÓCIO RAIMUNDO ARISTIDES RIBEIRO, POR OCASIÃO DO NONAGÉSIMO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO COMENDADOR LUIZ CAVALCANTI SUCUPIRA

Raimundo Aristides Ribeiro

Familiares e Amigos do Comendador Luiz Cavalcanti Sucupira.

Foi-me sumamente gratificante haver sido convidado pelo então Presidente do Instituto do Ceará, Professor Mozart Soriano Aderaldo, para proferir a saudação oficial da Casa ao nosso querido consócio, Comendador Luiz Cavalcanti Sucupira, nesta data de 11 de maio de 1991, na qual ele e nós, os seus amigos e familiares comemoramos o seu nonagésimo aniversário natalício.

É bem verdade que a um outro, mais credenciado do que eu, poderia ter sido confiado o melhor desempenho desta missão... Evidentemente!

Confesso que, ao aprofundar a investigação a respeito da personalidade do Comendador Luiz Sucupira, deparei-me com um manancial de informações tão diversificado, que me deixou sem saber por onde começar, tamanha era a preeminência de seus variados **status** e projeções no contexto social.

Pareceu-me aconselhável, de imediato, fazer referência toda especial ao Título Honorífico de Comendador da Ordem de São Gregório Magno, que passou a anteceder ao seu pré-nome e se incorporou ao seu registro de cidadania de maneira definitiva, e lhe foi outorgado pelo Sumo Pontífice Pio XII, de saudosa memória.

Logo mais darei o merecido destaque às demais comendas, condecorações, medalhas e títulos de benemerência que lhe foram atri-

buídos em reconhecimento a sua destacada projeção social.

Senhoras e Senhores

Como é de praxe nessas ocasiões, cumpre-me apresentar o escôrço biográfico de nosso homenageado.

Nascido a 11 de maio de 1901, nesta cidade de Nossa Senhora da Assunção, é filho do casal, Carolino Sucupira – Maria Edwirges Vieira Cavalcanti Sucupira, então residentes à Rua da Trindade, hoje, Solon Pinheiro.

O pai é oriundo da tradicional família Sucupira, cujos antepassados estiveram diretamente ligados à defesa da Pátria, pelo que tiveram seus nomes apostos em ruas e logradouros, em Fortaleza e na capital de São Paulo; e sua mãe, Dona Edwirges Vieira Cavalcanti, era originária das ilustres famílias pernambucanas, Fernandes Vieira e Cavalcanti.

Luiz Cavalcanti Sucupira iniciou seus estudos primários no Colégio Colombo, donde se transferiu para o Colégio Cearense do Sagrado Coração (dos Irmãos Maristas) onde terminou o curso secundário.

Ainda jovem, inscreveu-se no concurso público para o Ministério da Fazenda, do qual saindo aprovado foi nomeado para a Alfândega de Fortaleza.

De então por diante, abriam-se, ao jovem funcionário federal, todas as portas por onde ele teria de transitar no curso de sua radiosa, serena e operosa existência.

No ano de 1921, Comendador Sucupira convolou núpcias com Dona Maria Nilda Rabelo Sucupira, que lhe deu os seguintes filhos: José Maurício, hoje casado com Da. Lêda Cavalcanti Sucupira; Maria Dulce, religiosa já falecida; Paulo Eduardo, casado com Da. Ítala Proença Sucupira; Maria Lúcia Fiúza, viúva de Maurício Fiuza Pequeno; Luiz Humberto, casado com Da. Maria Luiza Pires Sucupira; César Augusto, viúvo de Da. Marisa Teresa Guedes Sucupira; Maria Regina Melo, casada com Lúcio Melo; Alberto Eduardo, casado com Da. Neusa Moraes Sucupira; Carlos Rubens, casado com Da. Darcy Sampaio Sucupira; Da. Maria Zélia, desquitada; e Carlos Helder, falecido ainda criança.

Aconteceu, porém, que, no ano de 1965, a Providência Divina, dentre seus insondáveis mistérios, resolveu chamar à Visão Beatífica a extremosa mãe, esposa do Comendador Sucupira. Entretanto, toda aquela consternação que abalara a numerosa família, no ano seguinte, em 1966, foi amenizada, quando o Comendador contraiu novas núp-

cias com sua cunhada, Da. Maria Núbia Rabelo Sucupira. Somente Deus, na sua Infinita Sabedoria e Bondade, pode aquilatar o valor dessa doação matrimonial, com relação ao posterior encaminhamento familiar, quando sobrevem a realidade na qual a mãe de família vai substituída por uma tia, sem maior solução de continuidade.

Senhores consócios, familiares e amigos do Comendador Sucupira.

Encerrada esta primeira parte de meu depoimento sobre o nosso querido consócio (mesmo sabendo que sua modéstia não concorda com esse tipo de "esvurmação" de seu passado, embora se saiba que da mesma surgirão ensinamentos preciosos para todos nós), depoimento ou investigação que fez referência aos seus mais íntimos dados pessoais, agora passarei a mostrar as diversas facetas, cada qual a mais cintilante, da personalidade do Comendador Luiz Sucupira, sob as legendas do **Servidor Público,** do **Político,** do **Jornalista,** do **Professor,** do **Intelectual,** do **Católico Praticante,** dentre tantas outras atividades e comportamentos que escapam a essa catalogação, um tanto apressada e emergencial.

Vou iniciar pela legenda que aponta o **Servidor Público,** porquanto, consoante já foi bem lembrado, o concurso público federal o fez funcionário da Alfândega de Fortaleza, onde iniciou carreira das mais brilhantes, porquanto, anos depois, ali terminou por ocupar o mais elevado cargo da época, o de Inspetor Geral.

Ao encontrar-se ainda em pleno curso de suas atividades normais na Alfândega do Ceará, nosso homenageado de hoje, no ano de 1922, por iniciativa do Presidente Epitácio Pessoa, foi removido para o Tribunal de Contas da União, no Rio de Janeiro. Em ali chegando (tamanha era confiança no novo membro), aquele Tribunal designou Sucupira como seu Delegado em Pernambuco.

Voltando posteriormente ao Ceará, no ano de 1931, Sucupira foi nomeado Chefe da Delegação do mesmo Tribunal em Alagoas.

Removido mais uma vez para o Tribunal de Contas da União do Rio de Janeiro, em 1932, foi trabalhar no Gabinete da Presidência do mesmo, para, no fim do mesmo ano, passar a prestar os seus serviços no Gabinete do Ministro da Viação, José Américo de Almeida.

Encontrando-se na então Capital da República, no ano de 1934, passou a atuar em outro setor do Serviço Público, porquanto eleito Deputado Federal Constituinte, com destacada atuação no Congresso (conforme logo mais farei a devida referência) até o ano de 1937, quando sobreveio o Golpe de Estado de 11 de novembro daquele ano, que implantou o chamado Estado Novo.

Havendo voltado a servir na Alfândega do Rio, foi designado logo para membro do Conselho Superior de Tarifas, cargo de relevo que o credenciou assumir o de Inspetor da Alfândega de Fortaleza, em cuja chefia se aposentou em 1954.

Ao rememorar todo esse dinamismo de nosso homenageado junto aos mais elevados escalões da Administração Federal, chega-se à conclusão do quanto aquela extraordinária atividade foi positiva para justificar sua carreira como Político, sobre a qual passo a falar.

No ano de 1933, por iniciativa da Liga Eleitoral Católica (LEC), o Comendador Sucupira foi eleito Deputado Federal, sem nenhuma participação sua na campanha eleitoral, na qual nada gastou, acontecimento esse bastante raro na resenha de nossa crônica político-partidária em todas as épocas. Ao tomar parte ativa nos trabalhos da Assembléia Constituinte de 1934, ali defendeu os postulados da Liga Eleitoral Católica, dentre os quais figura a inclusão de um preâmbulo no texto constitucional, através do qual os representantes do povo brasileiro, pela primeira vez, **invocavam a proteção de Deus,** por ocasião do ato solene de Promulgação da Constituição Federal, fórmula que, de então por diante, passou a figurar em todas as Cartas Federais posteriores. O Comendador foi membro atuante da Comissão de Educação; mas dentre a legislação ordinária de sua iniciativa, apenas quero relembrar, dada a sua inegável importância, a lei que atribuiu ao nosso Sete de Setembro a denominação de "Dia da Pátria", iniciativa essa desconhecida por muitos brasileiros.

Extinto o seu mandato, por ato da força do Governo Federal, em 10 de novembro de 1937, consoante já salientado, em 1946 foi, pelo Ministério da Fazenda, colocado à disposição do Interventor Federal no Ceará, que o nomeou Secretário da Fazenda Estadual.

Com a saída do Interventor Federal, Pedro Firmeza, bem como após o afastamento de seu substituto, Coronel Machado Lopes, o Comendador Sucupira assumiu a Chefia do Executivo Cearense, ao ocupar o cargo de Interventor Federal no Ceará.

É oportuno salientar que, na qualidade de Secretário da Fazenda do Ceará, sua gestão foi das mais profícuas, pois deixou as finanças públicas totalmente saneadas, sem dever nada a ninguém e vultoso saldo bancário.

Encerrada, portanto, a legenda do Político, passemos ao Sucupira Jornalista, com atuação em vários periódicos, dentre os quais no diário, "O Nordeste". Ao lado desse outro baluarte da Imprensa Católi-

ca, o inolvidável Manoel Antônio de Andrade Furtado, o Comendador Sucupira ingressou para esse diário católico no ano de sua fundação, em 1922, quer integrando o seu corpo redatorial, quer assumindo a sua direção até 1964, durante, portanto, 42 anos.

Além dessa sua prolongada atuação nesse autêntico foco dispersar de suas preocupações jornalísticas, o Comendador Sucupira foi Presidente da Associação dos Jornalistas Profissionais do Ceará, Diretor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, Presidente da Associação Cearense de Imprensa (ACI), depois de haver atuado no jornal "A Cruz", do Rio de Janeiro; de ter sido Redator-Chefe de outro periódico fluminense, "A União"; Redator-Secretário da revista "A Ordem"; e Diretor do jornal "O Estado", de Recife.

Posteriormente, já no Ceará, exerceu a direção do jornal "A Fortaleza", em cooperação com o Padre Arimatéia Diniz, de santa memória, e colaborou no periódico "A Verdade", de Baturité.

É o próprio Comendador quem, na entrevista concedida à "Notícias Culturais", recorda, com satisfação, a influência exercida pelo citado diário arquidiocesano, no meio social em que difundia a Doutrina Católica.

São palavras suas, no mencionado depoimento: "O jornal ("O Nordeste") informava, advertia, ensinava, protestava, mantendo-se constantemente alerta na defesa dos direitos da Igreja". E, graças a essa disponibilidade dos dirigentes do jornal, "o dogma era conhecido, a doutrina era divulgada e os princípios cristãos se faziam valer em todas as camadas sociais, impondo-se nos meios políticos, intelectuais, operários, estudantis e profissionais".

Meus Senhores e Senhoras, estou consciente de que não devo abusar da paciência dos ouvintes na explanação do que coligi sobre o Comendador Sucupira. Por essa imperiosa razão, passarei agora a outra legenda de nosso homenageado ao focalizar sua atuação como **Professor.**

O Comendador Sucupira, por onde passou, marcou sua presença atuante no setor do magistério.

Enquanto permaneceu no Rio de Janeiro, foi professor do Instituto Católico do Ensino Superior, bem como do tradicional "Sacré Coeur de Marie". E a propósito dessa preferência demonstrada em favor do Professor Sucupira, é curioso observar-se que, mesmo sabendo da instabilidade de sua permanência na antiga Capital da República, mesmo assim, não tenham, aqueles institutos educacionais, preferido privar-se de sua colaboração valiosa.

Tal preferência, em suma, demonstra e reflete, de maneira evi-

dente, o elevado conceito de que o nosso homenageado desfrutava no setor do magistério. Mas prossigamos...

Em Fortaleza, foi ele um dos primeiros cooperadores para a instalação da Faculdade Católica de Filosofia, dos Irmãos Maristas, onde ensinou durante muitos anos. E para demonstrar o interesse do Comendador no desempenho de sua missão magisterial, vou relatar determinado episódio, que, não chegou a ser jocoso, pela simplicidade com que tudo aconteceu.

Passemos à recordação da inusitada ocorrência, precedida dos necessários esclarecimentos.

Todas as pessoas que conhecem o Comendador Sucupira sabem ser ele muito cioso no cumprimento de suas obrigações, notadamente as relacionadas com o magistério, porquanto, mesmo durante o período em que exerceu a Chefia do Poder Executivo Cearense, na qualidade de Interventor Federal, comparecia diariamente às suas aulas na Faculdade Católica de Filosofia. Em certo dia, porém, adentrou o pátio da Faculdade, displicentemente, pedalando uma bicicleta... Embora o fizesse de maneira dissimulada e ao "lusco-fusco" das primeiras horas da noite, o episódio foi testemunhado por turma de alunos, os quais chegaram a divulgar e a comentar o acontecimento.

Quanta diferença entre os dias de hoje e os dias de ontem. Podendo chegar ali no carro oficial da Interventoria, ou até mesmo podendo ou devendo eximir-se de ir até lá, em razão do exercício do cargo, o Chefe do Executivo, Sucupira, cumpria com o seu dever de professor, transportando-se a si mesmo, ao pedalar o prosaico veículo.

Para quem não se pode suspeitar de que, atitude como aquela, tenha sido encenada com propósitos demagógicos (como acontece com muita gente, que "gosta de aparecer"...), o episódio vale para a melhor aferição de sua personalidade.

E para encerrar sua atividade no magistério, cumpre ainda relembrar que o Comendador foi professor da Escola de Serviço Social, da qual foi fundador, bem como do Curso Normal do Colégio das Dorotéias. Não podemos esquecer, finalmente, que o professor Sucupira mantém, até os dias de hoje, a Presidência da Secção Estadual da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (a extraordinária CNEC) que mantém cerca de uma centena de estabelecimentos de ensino primário e secundário gratuitos no Ceará.

A seguir focalizarei o intelectual, "flush" a respeito do qual disponho de inúmeras informações; entretanto, para maior tranqüilidade do auditório, face à prolixidade deste relato, prometo proceder a uma criteriosa síntese a propósito do tema a ser desenvolvido.

Senhoras e senhores. Apontar o Comendador como **intelectual,** após tê-lo demonstrado como professor, como jornalista, dentre outras qualidades que exornam sua pessoa, é como se eu estivesse a cometer uma espécie de tautologia, a repetir a mesma coisa em outros termos.

Assim é que, sob essa legenda, iremos encontrar o Membro da Academia Cearense de Letras, com o destaque de haver seu representante especial junto à Federação das Academias de Letras em funcionamento no Rio de Janeiro, além de integrar também a Academia Brasileira de História com sede em São Paulo.

Havendo ingressado no ano de 1940, como sócio efetivo do Instituto do Ceará, há 51 anos vem prestando os mais destacados serviços à nossa agremiação centenária. Devendo mencionar a relação de suas obras publicadas, cumpre-me, preliminarmente, oferecer os esclarecimentos que se seguem.

Como acontece com quase todos os jornalistas profissionais em razão da atividade diuturna na imprensa, através das mais diversificadas maneiras de expressão, o Comendador Sucupira, não fugindo à regra geral, publicou reduzido número de obras. Dentre estas, uma contendo poesias, a que denominou de **"Equatoriais".** Duas outras produções, o **"Curso de Ação Católica"** e **"Ozanan: a Caridade em Ação"** possuem conotações religiosas. Sua monografia denominada **"Programa de Economia Política",** editada pela "Livraria Globo", de Porto Alegre, surgiu da consolidação das apostilas destinadas às aulas ministradas pelo Professor Sucupira, na Escola de Estado Maior do Exército, tendo sido aquelas aulas, preliminarmente, publicadas em folhetos, tal o interesse despertado junto às Forças Armadas.

Encerrado mais este "flush" da extraordinária operosidade do nosso homenageado, pretendo gisar, também em rápidas pinceladas, a sua atuação como **católico praticante,** que ele, sem alarde, mas também sem qualquer "respeito-humano" (com que muitos procuram camuflar sua religiosidade) desenvolveu marcante atividade, de natureza espiritual, como Vicentino (ao ocupar a Presidência, durante muitos anos, do Conselho Metropolitano da Sociedade de São Vicente de Paulo), como congregado Mariano (Presidente da Confederação das Federações Marianas do Ceará), como Terceiro Franciscano, Membro do Apostolado da Oração e da Ação Católica, atividades estas que o fizeram merecedor da Comenda da Ordem de São Gregório Magno, a que me referi de início, e que, no meu entender, constitui o seu mais destacado galardão como católico e estrênuo Defensor da Fé.

Com esta última legenda pretendo encerrar, em apanhado sintético, o que consegui colher a respeito dos noventa anos de vida do nosso homenageado.

É bem verdade que, neste prolongado registro, nada foi detalhado sobre outros cargos, funções e desempenhos vários exercidos pelo nosso homenageado, tais como as Presidências: do Instituto do Nordeste, da Associação Civil dos Empregados Federais do Ceará, Presidente da Associação dos Choferes (e eu chamo a atenção dos ouvintes para este detalhe), da Junta de Recursos Fiscais do Município de Fortaleza, da Comissão Estadual de Preços e da Liga dos Professores Católicos do Ceará. Cumpre-me destacar ainda a sua condição de Assessor em Assuntos Econômicos junto à Presidência da Federação do Comércio do Estado do Ceará; além de Mordomo da Santa Casa de Misericórdia, já tendo exercido ali os cargos de Provador, Secretário e Tesoureiro.

Igualmente não é possível silenciar a respeito das Condecorações, Títulos Honoríficos, Diplomas, Cidadanias e Doutorados "Honoris Causa", Medalhas de Ouro e Prata, conferidas ao Comendador, tanto pelo Poder Público, como por entidades privadas diversas, consoante passo a enumerar.

Dentre essas destacadas distinções honoríficas, ressalte-se ao lado das já conhecidas, os títulos de Doutor "Honoris Causa" das Faculdades Integradas da cidade de Campo-Grande, do Estado do Rio; de Sócio Benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza; de Sócio-Fundador da Academia de Jornalismo do Ceará; e de Cidadão Campograndense, do Rio de Janeiro.

Igualmente, em reconhecimento à sua notável operosidade no setor sócio-cultural, foram-lhe conferidas as seguintes **Medalhas de Ouro**: a da "Abolição", conferida pelo Governo do Estado do Ceará; a "Barão de Studart", pelo Instituto do Ceará; a "Justiniano de Serpa", também pelo Governo do Ceará; a de ouro, "Felipe Gomes", pela CNEC (Companhia Nacional das Escolas da Comunidade); e a "Sereia de Ouro", pela Televisão Verdes Mares.

Foram-lhe ainda atribuídas as seguintes Medalhas de Prata: pelo Centro Educacional Perboyre e Silva; pelo Centro Educacional "João Pontes"; pelo Centro Educacional "Arminda de Araújo"; pelo Clube de Regatas Barra do Ceará; e pela Federação do Comércio do Estado do Ceará.

E, para finalizar esta extensa série de títulos honoríficos, devo assinalar também as mais destacadas Medalhas de Bronze que lhe fo-

ram concedidas: a que tem a denominação de Clóvis Bevilaqua, pelo Ministério da Educação e Cultura; e a Medalha do Pacificador, pelo Ministério do Exército.

Aqui o tendes, Senhoras e Senhores, o nosso homenageado, da maneira como me foi possível apresentá-lo, evidentemente, com todas as deficiências naturais do apresentador, que somente possui em seu favor o esforço desenvolvido para chegar até aqui.

Encontramo-nos, finalmente, diante de um homem-símbolo, não somente de sua geração, mas símbolo para as gerações futuras, que vão estruturar a grandeza de nossa Pátria, símbolo de honradês, símbolo de correção, símbolo de probidade, símbolo de dignidade pessoal, predicados que me dão a certeza de que todos os ouvintes estão de pleno acordo comigo.